

Não ouvi de ti a palavra que necessitava ouvir
Estava calada, omissa em minha frente, estavas ausente.
Naquele infundo momento não chorei pôr cumprir a papel que me cabia
Chorei, da criança mimada que fora, agora desgarrada enfim.
Criança confusa, no entanto mal-amada supunha ser.
Nunca me disse o que sentia, não se abria, nem sabia se sentia.
Se sentia, nem ligou, segui em frente, seus olhos não se voltaram
Sempre fiquei esperando ouvir querendo seguir, mas não podia ir.
Não entendia, éramos igual perfeição absoluta em nossas diferenças.
Não, se dava ao trabalho de me convencer, desamor eu sabia ser.
Uma forma de preguiça, de injustiça, não ouvir meu nome de tua boca.
Doída essa omissão em se ver calar quando se quer ouvir
Preferia me ver cair, virar a mais dura pedra, secar das emoções.
Não me permitiu ver o sol nascer, não me despertou na manhã fria.
Em meus suaves dedos deixei correr tua lagrima
Lágrima. Doída que não era só sua, compartilhava sua dor então.
Egoísta não o é, nem altruísta tampouco, somente realista.
Se rimo é minha forma de protestar pelo silencio que recebi
Pelo escárnio da tua insensibilidade em ser supostamente superior
Sabias que o ar que respiravas era o meu também
Sabias que arrancava de mim todos os gemidos de prazer que ansiava
Escravizava-me, não justificava, falava do teu silencio.
Não recebia de ti a explicação que precisava saber
Sábua que não se importava com o vazio, não temia a escuridão.
Teus defeitos tinham se instalado em meu peito
Passei a compreender, sentir porquê não sabias explicar o que.
sentia
Comecei a sentir o significado de teu silencio
Senti que não era omissão, que este silêncio que, me feria.
Nada mais era que o seu mais puro interior.